

RETRATO DO RIO: Número de crianças fora da escola cai ano a ano, segundo Pnad

Nível de escolaridade aumenta no estado e já supera a média nacional

Pesquisa revela que, na faixa de 7 a 14 anos, só 3,2% não vão à escola no Rio

Flávia Oliveira

Os indicadores educacionais do Rio de Janeiro na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad/99) são tão positivos quanto os dados nacionais divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Também no estado a proporção de crianças fora da escola vem caindo ano após ano. Em 1999, o resultado já era inferior à média nacional: no Rio, 3,2% das crianças de 7 a 14 anos não frequentam a escola, contra 4,3% em todo o país. Sete anos atrás, o resultado fluminense era de 6,1% e o nacional, 11,4%.

O aumento do número de matrículas resulta na redução da taxa de analfabetismo infantil, que vai garantir a alfabetização de todos os adultos do estado no futuro. Os dados do IBGE mostram que o Rio tem, atualmente, a quinta menor taxa de analfabetismo entre crianças de 10 a 14 anos. No estado, apenas um em cada cem habitantes-mirins não sabe ler ou escrever — em 93, eram 3,5 em cem. Desempenho melhor só nos estados de Roraima (0%), Santa Catarina (0,8%), Paraná (0,9%) e São Paulo (1%).

Participação de idosos na população chega a 12%

No Brasil, o analfabetismo infantil atinge 5,5% das crianças de 10 a 14 anos. Mas o ritmo de crescimento da frequência escolar já fez o presidente do IBGE, Sérgio Besserman Vianna, prever que nos próximos dez anos essa melancólica estatística será erra-

dicada. No Rio, se tudo permanecer como está, o fim do analfabetismo infantil virá em poucos anos.

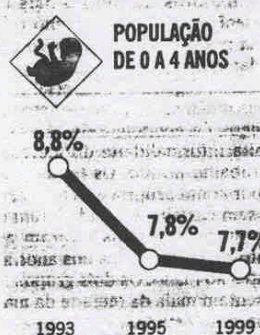
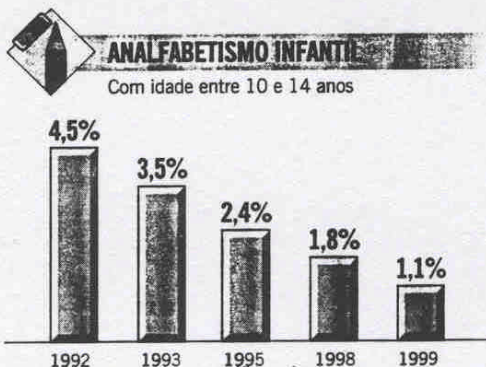
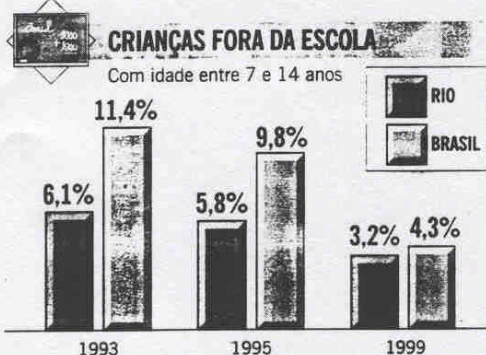
Os dados da Pnad mostram ainda que a tendência de envelhecimento da população nacional é mais intensa no Rio. Para se ter uma idéia, enquan-

to no país a participação dos habitantes com 60 anos ou mais de idade é de 9,1%, no Rio ela alcança 12%. Em 1993, os idosos do Rio representavam 10% da população.

A tendência é o que o economista Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais

da Fundação Getúlio Vargas (FGV), chama de "efeito Florilí". Pela alta concentração de funcionários públicos inativos em sua população, o Rio de Janeiro é, para Néri, uma mistura do estado americano da Flórida e da capital federal, Brasília. ■

Conheça outros indicadores do Rio



Mais dados do estado

• **DOMÉSTICOS:** O número de empregados domésticos vem crescendo no Rio, segundo o IBGE. Em sete anos, a participação deles entre os ocupados no estado subiu de 2,5% para 3,4%. O instituto constatou aumento na formalização do vínculo desses trabalhadores. Os empregados domésticos com carteira assinada, que eram 26,1% em 93, passaram a 33,4% no ano passado.

• **PREVIDÊNCIA:** O número de trabalhadores que contribuem para a Previdência Social também está em queda no Rio de Janeiro. Em 1993, 62,1% dos que trabalhavam contribuíam para o INSS. No ano passado, a proporção era de 60,3%.

• **AGRICULTURA:** O setor agrícola vem perdendo participação na economia fluminense. O percentual de trabalhadores ocupados no setor caiu de 5,4% para 3,4% em sete anos.

• **HABITANTES:** Segundo o IBGE, o Rio de Janeiro tinha 13.836.818 habitantes, em 1999. Do total, 47% são homens e 53% são mulheres. Vivem na área urbana 95% da população fluminense. A área rural do estado tem pouco mais de 703 mil habitantes.

• **DOMICÍLIOS:** O IBGE estima que o Rio tinha, em 99, 4,184 milhões de residências. Em 207 mil, a renda mensal é inferior a um salário-mínimo (R\$ 136 no ano passado). O estado soma ainda 357 mil domicílios com rendimento superior a 20 mínimos (R\$ 2.720) por mês.